

SEXUALIDADE E ADOLESCÊNCIA: SUAS ABRANGÊNCIAS NO AMBIENTE ESCOLAR

Franciéle Trichez Menin

Mestranda UNIOESTE¹

Gisele Arendt Pimentel

Mestranda UNIOESTE²

Giseli Monteiro Gagliotto

Docente UNIOESTE³

RESUMO

Este trabalho é parte de duas pesquisas em andamento no Programa de Mestrado em Educação pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) *campus* de Francisco Beltrão/PR. O objetivo está em considerar a relação entre a sexualidade e o espaço escolar, a partir das pesquisas de campo realizadas com adolescentes e professores do ensino fundamental e médio. Discorreremos sobre a trajetória percorrida na coleta de dados, especificamente, tratamos das intervenções com os adolescentes e suas devolutivas no processo de pesquisa de campo. Adotamos como referencial teórico-metodológico o materialismo histórico-dialético. Acoradas em autores como: Figueiró (2006 e 2009), Gagliotto (2014), Martelli (2011), Ribeiro (s/d), Silva (2012 e 2015), entre outros que possibilitam compreender a sexualidade dentro do ambiente escolar. Os dados coletados mostraram que as informações recebidas sobre sexualidade no espaço escolar estão direcionadas para questões de ordem biológica. Desta forma, defendemos a necessidade de uma Educação Sexual Emancipatória, que visa a sexualidade em sua totalidade. Consideramos que a formação continuada dos professores estaria minimizando as lacunas, empoderando os professores para o exercício da função de educador sexual.

Palavras-chave: Sexualidade; Adolescência; Educação Sexual Emancipatória; Espaço Escolar; Formação Continuada.

INTRODUÇÃO

¹ Pedagoga e Mestranda em Educação pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) *campus* de Francisco Beltrão/PR. Estudante e Membro do Laboratório e Grupo de Pesquisa Educação e Sexualidade (LABGEDUS). E-mail: franci_menin@hotmail.com

² Pedagoga e Mestranda em Educação pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) *campus* de Francisco Beltrão/PR. Estudante e Membro do Laboratório e Grupo de Pesquisa Educação e Sexualidade (LABGEDUS). E-mail: xlpimentel@hotmail.com

³ Doutora em Educação. Docente Adjunta D do Colegiado de Pedagogia e do Programa de Mestrado em Educação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) *campus* de Francisco Beltrão/PR. Coordenadora do Laboratório e Grupo de Pesquisa Educação e Sexualidade (LABGEDUS). E-mail: giseligagliotto@ig.com.br

Realização:

Apoio:



Este artigo é fruto do desenvolvimento de duas pesquisas de mestrado intituladas “Sexualidade, Adolescência e Educação Sexual a partir dos quereres e poderes da internet” e “Sexualidade e Agressividade do Adolescente no Espaço Escolar: contribuições psicanalíticas”. No desenrolar das pesquisas foram realizados trabalho de campo no espaço escolar, a primeira pesquisa abordou 4(quatro) colégios estaduais no ensino médio 1º - 2º - 3º anos, e a segunda, 2(dois) colégios, direcionada ao ensino fundamental, mais especificadamente nos 8º e 9º anos na cidade de Francisco Beltrão/PR.

Ambas as pesquisas utilizaram questionários que contemplaram 10 questões semiabertas, aplicados a professores e adolescentes, com o intuito de obter as informações necessárias sobre sexualidade e Educação Sexual no campo educacional. Segundo Gil (2002), o uso deste procedimento pode ser definido como, “[...] a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.” (p.128). Bem como, concordamos com Goldemberg (2004) ao afirmar que o questionário enquanto instrumento de coleta, possibilita ser aplicado a mais pessoas ao mesmo tempo, oferecendo ainda a liberdade ao participante de expressar suas opiniões, valores e conceitos.

Após a coleta dos dados realizamos a sistematização das informações e na sequência utilizamos a Análise de Conteúdo para a interpretação e como referencial alguns autores como: Bardin (2007), Triviños (2006), Minayo (2004) e Gil (2002). Este método consiste em um instrumento para compreender a externalização do que é apresentado pelos participantes, para assim o pesquisador entender a relação entre a realidade e interpretação desta realizada pelo indivíduo. Corroboramos com Minayo (2004) ao lembrar a importância da Análise do Conteúdo a medida que “articula a superfície dos textos descrita e analisada com os fatores que determinam suas características: variáveis psicossociais, contexto e processo de produção da mensagem (p.203)”.

Assim, ao analisar os dados foi possível perceber uma relação entre as respostas voltadas aos temas sexualidade e Educação Sexual, ainda que as pesquisas tenham envolvido públicos e objetivos diferentes. Isso nos chamou a

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



atenção e instigou a escrita deste artigo, a fim de compartilhar um pouco dos dados obtidos, ressaltando o que há de comum em ambas dissertações.

Historicamente, a sexualidade é um assunto latente em diferentes espaços, entre eles a família e a escola. A Educação Sexual no espaço escolar no Brasil ganhou mais visibilidade no início do século XX, neste tempo o ensino da sexualidade atendia os para princípios higienistas e eugenistas. Esta mesma educação caminhou na contramão da sexualidade, pois inculcava o controle do corpo, desejos e desafetos, enquanto hoje, procuramos aproximar a educação do prazer de viver, do reconhecimento de sua sexualidade e do outro, visando o respeito mútuo. Portanto, defendemos a relação na educação entre a família e a escola, acreditamos que o adolescente necessita do suporte e atenção gerados por esse relacionamento.

A sexualidade é parte da nossa condição humana e permeia a adolescência como todas as outras etapas da vida. No entanto, ao longo da história ocidental é vista, de uma forma estereotipada, por vezes relacionando ou confundindo com o ato sexual, como se ambos tivessem o mesmo significado, não estamos aqui negando a sexualidade implícita na relação sexual, porém este trabalho tem o intuito de explorar o amplo conceito da sexualidade. Corroboramos com Figueiró (2009, p.141 *sic*) ao ensinar que “[...]todos somos frutos de uma sociedade repressora em relação à sexualidade, na qual ainda perduram associações do sexo com idéias de pecado, de feio e de proibido, ou por outro lado, com idéias de promiscuidade e de imoralidade”.

Logo, ao entender a sexualidade desta forma, é perceptível que a temática por diversas vezes seja velada no campo educacional, assim, se faz necessário pensar em sua importância para este campo. O que torna a escola um espaço educativo são as relações estabelecidas entre os indivíduos que ocupam o espaço. Este é por diversas vezes o único local que o adolescente pode externalizar seus pensamentos, pois vive em família e sociedade regida por regras principalmente morais, quando a escola, enquanto espaço de convívio comum, possibilita a partilha de uma diversidade de valores, histórias de vida, culturas; traz a tona a necessidade do processo de socialização em que é preciso definir o que é benéfico e o que é prejudicial à coletividade.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação





A partir da revolução industrial a escola assume a função de preparar os jovens para serem trabalhadores produtivos. Nesse período, a participação de crianças e adolescentes na escola começou a ser entendida como uma contribuição para o desenvolvimento do indivíduo frente a sociedade no exercício da cidadania, nesse sentido a escola tinha o propósito de educar para vida em sociedade, ou seja, adaptar os indivíduos para seguir as regras e estereótipos predeterminados por este grupo que acolhe o indivíduo desde que este se submeta às suas regras para garantir o equilíbrio social.

Segundo Figueiró (2014) a educação escolar tem apresentado uma resistência em reconhecer e incorporar a Educação Sexual como parte do processo educativo humano. No contexto nacional, foi a partir da década de 60 que algumas escolas empreenderam práticas pioneiras de Educação Sexual. No entanto, a ditadura militar interrompeu esse processo e somente na década de 80 a Educação Sexual ressurgiu em experiências isoladas em partes diferentes do país. No período de 1980 – 2000, houve um reconhecimento da importância da escola em protagonizar a Educação Sexual, um marco nesse período foi a implementação dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN, documento que rege a educação escolar buscando a unidade nos conteúdos pedagógicos e que traz no fascículo dedicado aos temas transversais, a abordagem da orientação sexual. O documento adota o uso do termo orientação sexual como sinônimo do trabalho realizado pela escola ao educar para a sexualidade. Compartilhamos do entendimento proposto por Figueiró (2014, p.55-56)

[...]a expressão Educação Sexual é mais apropriada, porque é coerente com a concepção do processo de educação, no qual o educando participa do processo ensino – aprendizagem como sujeito ativo e não como mero receptor de conhecimentos, informações e/ou orientações. Por outro lado, o professor é o agente que cria as condições para o aluno aprender e que o auxilia em sua aprendizagem.

Logo, ao pensarmos na Educação Sexual desenvolvida hoje no espaço escolar, tomando como referência os professores que participaram das pesquisas aqui presentes, responderam em grande maioria, que seus alunos não recebem

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação



aulas de sexualidade, enquanto os adolescentes responderam que sim, ou seja, há divergência entre as respostas obtidas, e para entender a contradição na resposta é necessário saber o que está sendo entendido por Educação Sexual pelos participantes.

As respostas dos professores e adolescentes deixam evidentes que a sexualidade ainda fica a cargo dos professores de Ciências e Biologia quando há tempo para o desenvolvimento humano, ou seja, seus aspectos biológicos, entre os conteúdos encontramos: DSTs, virgindade, desenvolvimento do corpo, primeira menstruação, primeira polução noturna, métodos contraceptivos, gravidez na adolescência, etc. Conforme mostra Gagliotto (2014, p.53) “existe uma tendência por parte dos educadores em falar nos aspectos biológicos, transmitir conhecimentos técnicos, biologistas e higienistas”.

Defendemos que a sexualidade perpassa todas as disciplinas escolares e não somente as citadas, pois a sexualidade está presente no indivíduo em qualquer espaço e instante, até mesmo na relação entre professor e aluno a sexualidade está presente e é fundamental para tal ocorrer da melhor maneira com diálogo e construção de conhecimento a partir de diálogo e confiança. Mesmo com o grande número de disciplinas a sexualidade fica a cargo dos professores de Ciências e Biologia conforme apresentamos anteriormente. Corroboramos com Martelli (2011, p.24) que “restringir a sexualidade aos genitais limita o uso do corpo e de nossas potencialidades de vivenciar múltiplos prazeres”.

As disciplinas de Ciências e Biologia, assumem esta responsabilidade de educar sexualmente os adolescentes ao longo da história até os dias de hoje, no entanto acreditamos que a sexualidade vai além dos conteúdos apresentados nas escolas, pois ela está direcionada ao nosso modo de ser e estar no mundo. Na adolescência todos os aspectos contribuem para a expressão da sexualidade, sejam eles biológicos, psicológicos e culturais na relação com si e com o outro. Silva (2009, p.17) ensina que “a Educação Sexual, considerada por muitos professores como um desafio, exige, além do conhecimento, um comprometimento que contemple aspectos mais amplos e sedimentados através da reflexão, e não apenas informações sobre aspectos biológicos”.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação



Salientamos que há busca de autoafirmação, de parceiria, de auto entendimento, na adolescência, processo que contribui para formação da vida social, econômica, política, cultural e biológica do adolescente. Assim para a formação em sala de aula, concordamos com Silva (2012, p.33) ao explicitar que

É preciso compreender a sexualidade na sua dimensão humana, considerando o indivíduo e suas interações simbólico-culturais, aceitando também o caráter social da sexualidade, que está relacionado aos comportamentos e significados produzidos num determinado contexto social. É preciso considerar também que estas dimensões estão associadas à vida e ao bem estar do ser humano. Assim, a dimensão biológica da sexualidade não pode ser negada e sim considerada juntamente com as demais, possibilitando a vivência de uma sexualidade completa.

Ou seja, a Educação Sexual que defendemos mostra que a sexualidade está além das aulas de ciências e biologia citadas pelos participantes, ela envolve tudo que constitui o ser humano, está presente ao longo da vida e se encerra somente com a morte.

Assim ao falarmos da sexualidade e educação é impressionante citar a definição de Guirado (1997, p.25) ao afirmar que, “a sexualidade é como um fantasma que ronda as cercanias e os interiores da escola e da sala de aula. Não é o único, sabemos disso. Mas é, sem dúvida, um daqueles que, quanto mais se busca erradicar, mais assombra a cada esquina”. Portanto, defendemos que o trabalho com a sexualidade deve ser contínuo na escola, pois está presente na vida de todas as pessoas desde a concepção até a morte.

É principalmente no espaço escolar que os adolescentes entram em contato com outros pares e começam as mudanças biológicas, psicológicas, sociais e políticas no seu desenvolvimento, as quais trazem interrogações que precisam ser trabalhadas e respondidas para obter o conhecimento. É no cotidiano em sala de aula que emergem as situações em que os adolescentes questionam os professores sobre questões direcionadas a ordem sexual, o qual não tem a formação para responder, conforme as próprias respostas advindas dos questionários das pesquisas de campo.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Quanto à relação entre adolescentes e professores, no que se refere à sexualidade, Miranda (2001, p.26) ensina que

Alguns procuram o professor para falar das decepções amorosas ou simplesmente para contar de quem estão gostando. Outros se escondem pelos cantos da escola... Grande parte deles se beija pelos corredores e pátios, como que para anunciar que chegou a hora esperada. Ofendem-se se são repreendidos pelos “excessos”. E, diante da explosão da sexualidade na adolescência, os educadores estão sempre se perguntando: “O que fazer?”, “Namorar na escola pode, não pode?”, “Até que ponto?”.

Desta forma, faz-se necessário a formação continuada de professores em Educação Sexual, a qual trará o conhecimento amplo da sexualidade e as ordens que esta envolve, pois corroboramos com Martelli (2011, p.23) ao apresentar que

Na escola – como instituição formal de educação ou como lugar de sociedade em que se entrelaçam o simbólico, o imaginário, o tempo, o espaço, a troca, a violência, a sexualidade está sempre ali, latente e pulsante, manifestando-se incessantemente, visto que não há como separá-la, nem definir aonde pode e deve aparecer.

Com a formação continuada o professor estará preparado para as situações que venha presenciar em sala de aula, pois estes momentos precisam ser aproveitados pelos professores para discutir a sexualidade com seus alunos, construindo conhecimento sem constrangimento pessoal e profissional. Logo o professor que recebe uma formação continuada em Educação Sexual entenderá a conceituação da sexualidade que é

[...] uma dimensão ontológica essencialmente humana, cujas significações e vivências são determinadas pela natureza, pela subjetividade de cada ser humano e, sobretudo, pela cultura, num processo histórico e dialético. A sexualidade não pode, pois, ser restringida à sua dimensão biológica, nem à noção de genitalidade, ou de instinto, ou mesmo de libido. Também não pode ser percebida como uma “parte” do corpo. Ela é, pelo contrário, uma energia vital da subjetividade e da cultura, que deve ser compreendida, em sua totalidade e globalidade, como uma construção social que é condicionada pelos diferentes momentos históricos, econômicos, políticos e sociais. (FIGUEIRÓ, 2006, p. 42).

Realização:



Apoio:



Acreditamos que as conversas sobre sexualidade precisam estar presentes no espaço escolar, oportunizando os adolescentes a compreensão e construção do conhecimentos abrangentes sobre a sexualidade, diferenciando a mesma do sexo, mas não dividindo-as, pois segundo Nunes e Silva (1997, p.66)

É possível entender *sexo* como a marca biológica, a caracterização genital e natural, constituída a partir da aquisição evolutiva da espécie humana enquanto animal. Já a *sexualidade* é um conceito cultural constituído pela qualidade, pela significação do sexo. Nesta definição, somente a espécie humana ostentaria uma sexualidade, uma qualidade cultural e significativa do sexo (grifos dos autores).

O trabalho com a sexualidade no espaço escolar possibilita a vivência do adolescente de sua sexualidade com prazer e responsabilidade, envolvendo as emoções e não somente a direção da relação sexual e biológica de reprodução, mas sim pelo prazer de viver. A escola é um local de construção do conhecimento, a qual deve considerar as questões políticas, sociais, culturais, biológicas e psicológicas de quem pertence ao espaço, e a sexualidade é inata ao ser humana e por isso está presente em todas as ordens.

Lembramos a importância do professor na educação dos adolescentes no que concerne a sexualidade, uma vez que muitos adolescentes ficam maior tempo na escola do que com os próprios familiares em casa, o que traz a responsabilidade para o professor, pois as vezes tem maior proximidade e confiança dos adolescentes. O professor precisa avançar em sua função de educador, sair do método tradicional de alunos quietos e enfileirados, é preciso que todos sejam ativos e dialoguem na educação com perspectiva emancipatória.

Nas escolas há sempre aquele professor que cativa os alunos, se tornando um referencial ou até mesmo um confidente de confiança do adolescente. Na adolescência ocorre a busca por novos referenciais diferentes dos da infância que geralmente são os pais, tornando por vezes o professor uma referência e modelo, daí a importância do diálogo entre professor e aluno, bem como, da formação continuada para os professores estarem preparados para a função exercida.

As respostas dos adolescentes durante as pesquisas mostrou que nas escolas é evitado a fala sobre sexo e sexualidade por diversos motivos, entre eles o

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



desconforto, o medo, a repressão, a vergonha ou mesmo com a desculpa que é preciso vencer outros conteúdos e não tempo para este. Ou seja, a sexualidade ainda é vista como um tabu no ambiente escolar, pois as repostas dos adolescentes e professores mostram que há disseminação de que a escola não tem lugar para a sexualidade e que os conhecimentos voltados a esta precisam ser adquiridos em casa com a família ou em outros meios como a internet.

Logo sabemos que a escola tem demandas como qualquer outra instituição públicas, as quais devem ser seguidas e desenvolvidas, e assim funcionam como justificativas de falta de tempo para desempenhar Educação Sexual. O processo educacional exige confiança e formação para a compreensão da sexualidade pelos professores e adolescentes para o desenvolvimento de uma educação integrada, porém a temática pe pouco considerada nos espaços educacionais. Consideramos assim como Silva (2015, p.21) que

[...] ao se propor um trabalho de Educação Sexual na escola é preciso compreender alguns fundamentos científicos, assim como sua aplicabilidade para que esse trabalho possa de fato acontecer: o próprio conceito de sexualidade, a Educação Sexual e suas abordagens, as estratégias de ensino, a história da sexualidade e da Educação Sexual, assim como temas que a escola possa considerar relevante.

Destacamos que o trabalho com a sexualidade deve envolver a compreensão do contexto em que a escola e os participantes estão envolvidos, a maneira como se expressam, a relação entre os envolvidos na educação. As experiências fazem parte da sexualidade do indivíduo influenciando na sua formação. Portanto, é urgente trabalhar com a sexualidade nas escolas com um olhar sem pré-conceitos, sem punições conforme vem sendo ao longo da história. De acordo com as respostas dos professores que acreditam que a sexualidade está direcinada as questões biológicas e a relação sexual, seus deveres quanto educadores estão sendo cumpridos nas aulas de Ciências e Biologia, porém ressaltamos conforme Ribeiro (s/d, p.2) que

Hoje, todos têm claro que o entendimento biológico, apesar de importante, é insuficiente para a compreensão total do indivíduo. E, com isso, a leitura dos aspectos emocionais, sócio-culturais,

Realização:



Apoio:



históricos, entre outros, tornam-se fundamentais quando pensamos em trabalhar educação e sexualidade.

Quando a sexualidade fica restrita à apenas um campo de abordagem disciplinar, as possibilidades de interação entre o adolescente e a temática, ficam prejudicadas. Segundo Silva (2009, p.32)

A sexualidade, no universo escolar, é um tópico polêmico, considerando-se a multiplicidade de visões, crenças e valores dos diversos atores (alunos, pais, professores e diretores, entre outros). No entanto, consideram importantíssima a abordagem deste tema em sala de aula.

Precisamos pensar na Educação Sexual emancipatória que forme e proporcione aos adolescentes uma vivência da sexualidade em sua totalidade, ou seja, sujeitos pensantes e participativos, educação que dê vez e voz ao adolescente, lugar para que expresse as angústias para além do desenvolvimento físico do corpo, chegando ao desenvolvimento psíquico da formação do adolescente, livre de tabus, preconceitos e práticas de discriminação e desrespeito.

Ressaltamos que a sexualidade é uma temática que sofre por ser reduzida apenas ao sexo, porém para nós a sexualidade “[...] inclui o sexo, a afetividade, o carinho, o prazer, o amor ou o sentimento mútuo de bem querer, os gestos, a comunicação, o toque e a intimidade. Inclui, principalmente, os valores e as normas morais que cada cultura elabora sobre o comportamento sexual” (FIGUEIRÓ, 2009, p.143-144).

Ao tratar da sexualidade, na contemporaneidade, vivemos uma descompressão sexual em todos os níveis sociais; isso nos remete à uma falsa ideia de liberdade, de permissividade extrema e descontrolada. No entanto, o descontrole se torna o controlador dos novos padrões sociais e culturais que são refletidos na vida cotidiana, inclusive nas relações que se estabelecem entre os indivíduos. Ocorre que com a erotização exacerbada da sociedade, os padrões de relacionamento são reconfigurados de acordo com o descontrole, o que conduz erroneamente a uma visão negativa da sexualidade, conforme Figueiró (2009). Essa concepção é considerada também por Ribeiro (1990, p.50) quando compreende que,

Realização:



Apoio:



[...] é perfeitamente possível denunciar a total ausência de valores éticos universais na formação dos indivíduos, a total ausência de respeito pelo outro, a égide do consumismo e do 'levar vantagem a qualquer preço'. É isso que traz problemas para a sexualidade, não a erotização em si. A erotização é natural no ser humano, anima o corpo e a vida. As relações materiais é que estão materializadas, sem afetividade, sem amizade.

A sexualidade está presente desde antes do nascimento, na fecundação e na vida intrauterina e se estende por toda a vida; está em todas as experiências emocionais e construções afetivas do ser humano. O conhecimento gera tranquilidade no desenvolvimento do adolescente, o qual passa por diferentes mudanças biológicas, psicológicas, sociais, etc., pois ter o conhecimento destas transformações acalma os hosmônios que interferem no cotidiano do adolescente. Assim, consideramos a importância do trabalho dos professores em sala de aula, os quais necessitam de formações continuadas que trabalhem com a totalidade da sexualidade para compreensão da adolescência. Quanto a isso, Silva (2009, p.15) considera que:

Os cursos de formação de professores, na sua quase totalidade e a tradição familiar carecem de discussão sobre este tema. Desta forma, modelos de disciplinamento, censura e conservadorismo reproduzem-se, pela falta de uma discussão crítica, pautada em bases fidedignas e pela omissão destas instâncias. Assim sendo, faz-se necessária a abordagem da Educação Sexual nas escolas, pois nela pode-se compreender que os fenômenos socioculturais atingem a sociedade e, mesmo existindo casos específicos e individuais, as discussões sobre sexualidade devem extrapolar o âmbito pessoal.

Salientamos a necessidade de formação para os educadores, despertando o interesse e a paixão pela educação sexual, considerando as questões referentes à formação continuada e ao exercício da docência, à qualidade do ensino, ao aprendizado do aluno, entre outros (FIGUEIRÓ, 2006). A Educação Sexual proporcionada ao adolescente em casa ou na escola ocorre muitas vezes pelo exemplo, pelas relações cotidianas e vivências, conforme Silva (2009, p.16)

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Os pais desempenham o papel de educadores no domínio da sexualidade e, muitas vezes, de forma inconsciente, assumem medidas e atitudes nas questões, direta ou indiretamente, ligadas à vida sexual, sem uma preocupação com a conduta tomada, educando mais pelo que fazem do que pelo que dizem.

É necessário conversar sobre sexualidade com o adolescente e esclarecer as inquietações e angústias da fase, as aprendizagens sobre sexualidade permeiam todo o desenvolvimento sexual do adolescente para a sua vida para além do momento vivido. Assim corroboramos com Figueiró (2013, p.114) que “além de aproveitar e explorar as oportunidades que surgem, pais e demais educadores têm que criar oportunidades para ensinar sobre sexualidade”. Nesse sentido é importante buscar condições para discutir os assuntos relacionados a sexualidade, uma vez que é difícil trabalhar sem formação, levando em consideração que os adolescentes questionam e muitas vezes ironizam a temática para desconcertar o professor, o qual não deve mostrar-se impotente e sim mostrar que não é errado não ter propriedade sobre todos os conteúdos, mas que buscará o conhecimento para compartilhar em sala.

Mais uma vez destacamos a importância do trabalho conjunto entre escola e família, visando a formação do adolescente em Educação Sexual, lembrando que a escola é um espaço de construção de conhecimentos, referência no desenvolvimento do adolescente, inclusive no que tange a sexualidade. Assim, corroboramos com Figueiró (2013, p.42) ao afirmar que “[...] quando se quer desenvolver um trabalho de Educação Sexual na escola é importante que os vários profissionais que ocupam o espaço da instituição também participem dos grupos de estudos ou de reuniões para debater o tema”. Nesse sentido, é importante lembrar que professores, estudantes e demais componentes do espaço escolar, ao adentrarem esse espaço, não podem deixar a sexualidade para fora dos portões.

Ao receber uma Educação Sexual Emancipatória e, entender a si mesmo, estarão preparados para entender o outro e suas vivências. Corroboramos com Gagliotto e Lembeck (2011, p.97), ao afirmar que

A Educação Sexual deve ser realizada de acordo com a realidade da comunidade e, principalmente, em função dos valores, dos costumes, das crenças dos orientadores dos jovens e das famílias

Realização:



Apoio:



aos quais o trabalho destina. O objetivo é que os adolescentes questionem, reflitam e encontrem os próprios valores, recebendo, de maneira crítica, as informações e as opiniões repassadas pelo orientador.

Durante as pesquisas os professores relatam a impotência de abordar as questões da sexualidade no cotidiano escolar, porém não sentem-se preparados para tal função. Nesse sentido é imprescindível e urgente a implantação de formação continuada específica na área para estarem preparados para exercer o papel de educadores sexuais. Logo ao falar de sexualidade no espaço escolar, corroboramos com Figueiró (2013, p.193) que “[...] investimentos devem ser feitos para que adolescentes e jovens compreendam que devem ser sujeitos da sua própria sexualidade, com liberdade e responsabilidade”.

Com base em uma educação emancipatória estaremos proporcionando aos adolescentes educação e limites, deixando-os cientes dos riscos. Por mais complicado que seja, pais e professores precisam estabelecer o diálogo com os adolescentes, bem como, estabelecer limites para que saibam respeitar a si e aos outros, vivendo em sociedade. Com o trabalho de Educação Sexual é possível formar adolescentes que tenham concepções positivas sobre sexualidade, conforme nos apresenta Sayão (1997, p.105)

[...] além dos conhecimentos relativos ao funcionamento do corpo, ao processo reprodutivo e aos riscos de contrair e transmitir doenças. Essa visão supõe também responsabilidade, alegria, prazer e limites. Valores, conceitos e preconceitos. Medos, receios, repressões e inibições. Pressões pessoais, familiares, sociais. Fantasias e sonhos. Desejos expressos, escondidos, censurados e proibidos. Vontade de saber, de fazer, de experimentar. Emoções, sensações, sentimentos. Relacionamentos, frustrações, tabus.

Assim, a formação visa contribuir a construção de conhecimentos junto aos adolescentes nas escolas, formando para que respeitem, questionem, reflitam e vivam com responsabilidade. Acreditamos que a obrigação de educar para a sexualidade é de todos, porém a escola e a família são primordiais, pois são nestas instituições que os adolescentes passam o dia-a-dia, “a omissão da escola e da família faz com que as crianças e adolescentes busquem informações sobre o

Realização:



Apoio:



assunto em fontes bem menos seguras, como revistas, internet, na rua com “amigos”, tão despreparados quanto eles” (grifo das autoras, GAGLIOTTO & LEMBECK, 2011, p.96). Com a afirmação de que a Educação Sexual deve ser exercida pela escola e família, não exime outras instituições de tal dever.

Para tanto, se faz necessário a reeducação dos profissionais que trabalham com a educação dos adolescentes, para assim proporcionar fundamentação teórica para realizar o trabalho com a sexualidade. Nesse sentido, as pesquisas vem confirmar a importância da formação continuada, em Educação Sexual, numa perspectiva emancipatória. A escola e seus professores são responsáveis pela educação dos alunos, precisam formar alunos capazes de falar, ouvir, reagir e ser responsável por suas escolhas, e assim através da Educação Sexual Emancipatória discutir e permitir troca de experiências para construção crítica do pensamento. Desta forma, a Educação Sexual constituir-se-a num instrumento para exercer a docência que compreenda a relação da adolescência com a sexualidade, possibilitando a formação crítica, autônoma e atuante nos espaços que participam.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise do Conteúdo**. Trad. Luis Antero Reto e Augusto Pinheiro Lisboa. Lisboa: Edições 70, 2007.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Formação de Educadores Sexuais: adiar não é mais possível**. – Campinas, SP: Mercado de Letras; Londrina, PR: Eduel. (Coleção Dimensões da Sexualidade), 2006.

_____. Educação Sexual: como ensinar no espaço da escola. In: FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. (Org.) **Educação Sexual: múltiplos temas, compromissos comuns**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2009. p.141-171.

_____. **Educação Sexual no dia a dia**. Londrina: Eduel, 2013.

_____. **Formação de Educadores Sexuais: adiar não é mais possível**. –Londrina, PR: Eduel. (2ª edição, revista, atualizada e ampliada), 2014

GAGLIOTTO, Giseli Monteiro; LEMBECK, Tatiane. Sexualidade e Adolescência: Educação Sexual numa perspectiva emancipatória. **Educere Et Educare** – Revista de Educação. Cascavel: Edunioeste, v.6, nº11. Jan./Jun 2011. p.93-109.

GAGLIOTTO, Giseli Monteiro. **A Educação Sexual na Escola e a Pedagogia da Infância: matrizes institucionais, disposições culturais, potencialidades e perspectivas emancipatórias**. Jundiaí: Paco Editorial, 2014.

Realização:



Apoio:





GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOLDENBERG, Mirian. **A Arte de Pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. Ed. 8 – Rio de Janeiro: Record, 2004.

GUIRADO, Marlene. Sexualidade, isto é, Intimidade: redefinindo limites e alcances para a escola. In: AQUINO, Julio Groppa (Org.). **Sexualidade na Escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1997.

MARTELLI, Andréa Cristina. Práticas Docentes e Imaginários de Sexualidade. In: DESIDÉRIO, Ricardo & CAMARGO, Hertz Wendel de. (Orgs.). **Mídia, Educação e Sexualidade**. Londrina: Syntagma Editores, 2011. p.23-35.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Estrutura e sujeito, determinismo e protagonismo histórico**: uma reflexão sobre a práxis da saúde coletiva. Ciência e Saúde Coletiva, v. 6, n. 1, p. 7-19, 2001.

MIRANDA, Margarete Perreira. **Adolescência na escola**: soltar a corda e segurar a ponta: Belo Horizonte: Formato, 2001.

NUNES, César & SILVA, Edna. **A Educação Sexual da Criança**: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade. 2ª edição. Campinas-SP: Autores Associados, 1997.

RIBEIRO, Marcos. Educação Sexual: além da informação. São Paulo: EPU, 1990.

RIBEIRO, Marcos. **Educação Sexual e Metodologia**. s/d. Disponível em: <http://www.adolescencia.org.br/site-pt-br/textos-artigos> acessado em 01/11/2016.

SAYÃO, Rosely. Saber o Sexo? Os Problemas da Informação Sexual e o Papel da Escola. In: AQUINO, Julio Groppa. (Org.). **Sexualidade na Escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1997. p. 97-106.

SILVA, Marcia Daiane da. **Educação, sexualidade e divulgação científica**: estado da arte das publicações da área 46 da CAPES. Maringá, 2012. 142 f. Dissertação (Mestrado em Educação para a Ciência e a Matemática) Universidade Estadual de Maringá.

SILVA, Ricardo Desidério. **Educação Áudio Visual da Sexualidade**: olhares a partir do Kit Anti-Homofobia. Tese de Doutorado em Educação Escolar pelas Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Faculdade de Ciências e Letras) campus de Araraquara. 2015.

SILVA, Ricardo Desidérioda. **Educação em Ciência e Sexualidade**: o professor como mediador das atitudes e crenças sobre sexualidade no aluno. Maringá, 2009. Dissertação de Mestrado.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2006.

SEXUALITY AND ADOLESCENCE: THEIR COMPREHENSIVENESS IN THE SCHOOL ENVIRONMENT

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



ABSTRACT

This work is part of two ongoing researches to the Master's Program in Education by the State University of the West of Paraná (UNIOESTE) campus of Francisco Beltrão/PR. The objective is to consider the relationship between sexuality and school space, based on the field research conducted with adolescents and Elementary School and High School teachers. We discuss the trajectory traversed in the data collection, specifically, we deal with the interventions with the adolescents and their returns in the field research process. We adopt as a theoretical-methodological reference the historical-dialectical materialism. Anchored in authors such as Figueiró (2006 and 2009), Gagliotto (2014), Martelli (2011), Ribeiro (no date), Silva (2012 and 2015), among others that make it possible to understand sexuality within the school environment. The collected data showed that the information received about sexuality in the school space is directed to questions of biological order. In this way, we defend the need for Emancipatory Sexual Education, what aims a sexuality in its entirety. We believe that continuing teacher education would be minimizing the gaps, empowering teachers to play the role of sexual educator.

Keywords: Sexuality; Adolescence; Emancipatory Sexual Education; School Space; Continuing Formation.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação

